

LENDA DA PENA FIEL

LENDA e História, fantasia e realidade, ilusão e certeza, muitas vezes se juntam nos horizontes da vida. Juntam-se e misturam-se de tal forma que, muitas vezes também, se torna impossível a destrição.

Tomemos, por exemplo, uma cidade portuguesa, das mais lindas e características. E das mais ricas em lendas e tradições.

Penafiel é o seu nome. (1) E embora para os historiadores eruditos e rigorosos *Pena fiel* derive de *Pena* e signifique «castelo erguido sobre rochas firmes» – ou seja em *sítio fiel* – para o ingénuo e poético povo de Portugal, o nome de Penafiel tem uma significação diferente, bem mais curiosa e pitoresca. E bem mais romântica.

Em tempos antigos de antigos tempos, Penafiel representava apenas «o sítio». O sítio de muitas povoações, das quais a mais importante era, sem dúvida alguma, Arrifana de Sousa. (2) Mas por carta régia de 24 de Março de 1770, el-rei D. José I decretava o seguinte:

«Hei por bem e me apraz, que a dita povoação de Arrifana de Sousa, do dia da publicação deste em diante, fique criada em cidade com o nome de Penafiel.»

E é portanto a história lendária que junta no mesmo abraço de tradição os nomes de Arrifana de Sousa e de Penafiel que vou contar...

Aí pelo ano de 950, conforme nos asseveram as crónicas do tempo, existia como grande senhora da região uma respeitável matrona de alta linhagem, que a História deu a conhecer com o nome de Mumadona Dias, (3) a qual ficara viúva do celebrado Conde Hermenegildo e não se cansava de prantear sua triste sorte.

Junto do túmulo do seu bem-amado esposo. Mumadona Dias confessava, chorando, a amargura que lhe inundava a alma:

- Oh, meu adorado e bom esposo, que vida horrível a minha, desde que partiste para sempre, deixando-me tão só neste mundo!... É certo que ficaram também nossos filhos... Mas deles, apenas poderei contar com Arriana e Nuno, os meus dois preferidos... Ah, Hermenegildo, os outros... os outros ainda são mais loucos do que vós fostes!... Só pensam na aventura, na guerra, no perigo, no sangue... Sim, restam-me unicamente, como companhia e como amparo, Arriana (4) e Nuno. (5) Meus queridos filhos!" Um, tem o vosso rosto, o outro tem a vossa alma!.. Arriana é boa, como vós fostes... E Nuno é tão valente como vós, meu querido e saudoso esposo... Sem eles, a vida de nada serviria já para mim!

Decerto por tudo isso, quando houve a divisão dos bens deixados pelo Conde Hermenegildo, a chorosa viúva Mumadona Dias escolheu as melhores terras para os seus dois filhos predilectos: Arriana e Nuno.

- Em vossas mãos, meus filhos, elas ficam mais seguras...

Mas Arriana abanou vagarosamente a cabeça bonita e encaracolada...

- Oh, senhora minha mãe, as terras que me dais ficarão sendo vossas, porque eu não me separarei de vós, por coisa alguma deste mundo...

Logo, o jovem Nuno confirmou, num arrebatamento:

- Também eu, senhora minha mãe... Só a morte me poderá separar de vós!

Mumadona Dias persignou-se rapidamente.

- Por Deus, meus filhos, calai-vos... Calai-vos, peço-vos... Oh, Nuno, não quero que faleis em morte!

Afagando os cabelos negros de seu filho, a boa mãe ajuntou, num sorriso feito de orgulho e de saudade:

- Tão novo ainda, tão belo, tão valente... pareceis mesmo vosso pai, quando era dessa idade.

Os olhos de Nuno toldaram-se por nuvem passageira.

- E do vosso coração, senhora minha mãe, que saem tais palavras... Mas, acreditai, não há homem que se possa comparar ao nosso chorado senhor e pai.

Depois, altivo e grave, concluiu:

- Por honra da sua memória, sim, farei por ser digno dele!

A viúva reprimiu soluços e voltou-se para sua formosa filha.

- E vós, Arriana, um dia decerto pensareis em casar... E então...

Numa ligeira vénia, como que a pedir permissão para interromper sua mãe, a bela Arriana retorquiu:

- Perdoai-me, senhora, mas não penso em casar... A minha vida será dedicada inteiramente a vós, senhora minha mãe, e a meu irmão Nuno.

Sem voz de momento, emocionada em demasia, Mumadona Dias limitou-se a abraçar os filhos. E só depois conseguiu traduzir o pensamento em palavras, mas tão baixinho, tão baixinho, que elas se confundiram com as batidas do seu próprio coração:

- Obrigada, meus filhos, obrigada!

Ora um dia, tempos transcorridos, a viúva Mumadona Dias recebeu, de surpresa, a visita de um vizinho poderoso, D. Mendo de Sousa, (6) senhor de muitas terras em redor. E mais surpreendida se quedou, quando soube a razão e o propósito de tal visita.

- Senhora, conheceis quem sou e quanto valho. Ninguém se me pode comparar em poderio. E assim deveis considerar uma honra, senhora, para vós e para vossa casa, que eu deseje casar com vossa filha Arrifana.

Tolhida pelo espanto, a nobre viúva apenas conseguiu levantar uma breve rectificação.

- Perdão, D. Mendo... Minha filha chama-se Arriana... e não Arrifana! O poderoso senhor olhou-a, com um ar de soberano desdém.

- Que importa? Arrifana é nome mais bonito!

A teimosia do visitante excitou o amor de mãe.

- Para mim, senhor, ela será sempre Arriana. E esse será sempre também para mim o nome mais bonito.

Houve uma pausa embaraçada. Depois, perante o olhar interrogativo de D. Mendo, a viúva Mumadona Dias esclareceu:

- Quanto ao mais... será minha filha quem resolverá.

Pelo rosto de D. Mendo desfilaram em corridas várias expressões. O pasmo. A revolta. O furor. De novo, o pasmo. E, por fim, um irreprimível desprezo.

- Era o que faltava, senhora... Era o que faltava!... As filhas decidirem os seus casamentos... Não, senhora, isso nunca!... São os pais que têm de decidir... E como o Conde Hermenegildo morreu...

A viúva ajuntou, num ar de prece:

- Que a sua alma descanse em paz!

Como se não a escutasse, o poderoso D. Mendo sentenciou:

- Já que ele morreu, senhora, sereis vós a decidir!

Então, foi a altura da surpresa cair sobre D. Mendo. Digna e solene, a viúva avançou para ele e disse, pausadamente:

- Não, senhor D. Mendo de Sousa... Nem a vossa fortuna, nem o vosso poder me farão mudar de ideias... Quem decide acerca do seu próprio coração é minha filha Arriana. Compreendeis? Minha filha Arriana!

E afastou-se com a mesma solenidade, indicando a D. Mendo que se sentasse e esperasse...

A demora foi curta. Mumadona Dias entrou com a jovem e bela Arriana e indicou-lhe D. Mendo, que se erguia a custo, pesadamente.

- Minha filha... D. Mendo de Sousa propõe-se casar convosco. Inquieta, hesitante, Arriana agarrou as mãos de sua mãe.

- Mas, senhora, eu já vos disse...

Mumadona Dias afastou-se e falou naquela sua voz habitual, que não admitia réplica:

- Dizei a D. Mendo o que quiserdes, minha filha... Sois dona e senhora da vossa vontade.

Entretanto, o fidalgo poderoso recuperara a sua insolente autoridade de grande senhor. E foi já num plano de superioridade que voltou a falar.

- Imagino quanto vos deveis sentir feliz com a minha proposta, jovem e bela Arrifana... e assim...

- Arriana, senhor! Minha filha chama-se Arriana!

A interrupção da viúva fê-lo perder o fio ao discurso. Mordeu os lábios com força, mas calou-se. E foi então a voz doce de Arriana que encheu toda a sala:

- Senhor D. Mendo, sei bem como sois forte e rico... Iria decerto encontrar em vós um esposo ideal... Mas a verdade é que jurei não casar.

- Que dizeis, Arrifana?

A pergunta do visitante era quase uma ameaça. Mas logo a voz da viúva voltou a rectificar.

- Arriana é que é o seu nome, D. Mendo. Já vos disse mais de uma vez...

E andando até junto da jovem, aconselhou num misto de ternura e de confiança:

- Pensai bem minha filha!

Porém, como se esperasse já aquela pergunta, Arriana respondeu imediatamente e, desta vez, sem qualquer espécie de hesitação:

- Já pensei tudo o que tinha a pensar, senhora minha mãe. Enquanto vós viverdes, e meu irmão também, não quero outra companhia que não seja a vossa!

Olhou firme para o visitante, que respirava fúria e despeito, e concluiu sem desviar os olhos:

- Jurei que não casaria... e não caso... nem mesmo com o poderoso D. Mendo de Sousa!

Calaram-se todos. Ouvia-se lá fora a Primavera a chilrear na voz da passarada. Ainda mal refeito do embate, martelando as palavras, o poderoso D. Mendo voltou-se para a viúva: :

- Ouviste, senhora? Foi essa a última palavra de vossa filha? E consentis em tal? Não tendes força para que vos obedeça vossa filha Arrifana?

Sem responder logo, Mumadona Dias encaminhou-se para a saída, como que a

indicar o caminho. E disse, num tom de despedida formal:

- Esta foi a última palavra de minha filha... Arriana!

Tudo voltou à normalidade. Família feliz e unida, parecia respirar entre si o ambiente da própria Primavera que a envolvia. Mas lá diz o povo, num dos seus conceituosos adágios: «Não há bem que sempre dure...» E um mal pior veio a seguir, na roda do tempo, que roda sem parar: o jovem Nuno caiu doente vítima de febre pertinaz e perigosa... Durante dias, noites, semanas, as duas mulheres não abandonaram a cabeceira do enfermo. Foram chamados os melhores físicos. Tudo em vão!

A vida, aos poucos, ia abandonando o corpo de Nuno, que tão vigoroso fora. Ele bem o sentia. Elas bem o sentiam. Mas lutavam ainda, apesar de tudo.

- Nuno... meu querido filho... confia em nós... Havemos de vos salvar...

- Deus há-de ouvir-me, meu irmão!

Nuno, todavia, compreendeu perfeitamente quando o momento chegou:

- Não vos quero aflitas... E a minha hora! Quem sabe? Talvez seja o senhor meu pai a chamar-me lá do Céu...

- Oh, Nono, meu filho, não faleis assim... Sois ainda tão novo! Não vos quero perder...

Ele sorriu debilmente.

- Pois tendes de me perder... Ides ficar sem mim, eu vos digo... Sinto que me estou a afastar da terra.

- Meu filho!

- Meu irmão!

Mas era bem verdade. Tristemente verdade. Dolorosamente verdade. Ele estava a afastar-se da terra...

E conta ainda a lenda velhinha que desde então as duas mulheres viveram em pranto, chorando a morte de Nuno. (7) Propagou-se mesmo a notícia de que, mal chegavam as trevas da noite, a viúva Mumadona Dias e sua filha Arriana vagueavam por ali, como doidas, desabafando dores e saudades:

- Esta será para sempre a terra da nossa pena fiel pelo nosso querido Nuno!

- Tendes razão, filha! Para todo o sempre, esta há-de ficar a ser a terra da nossa pena fiel!

E mais tempo correu na roda do tempo, que roda sem parar... com a morte da viúva Mumadona Dias e de sua filha Arriana, as terras de ambas caíram finalmente nas mãos do poderoso D. Mendo de Sousa. E embora velho e agastado, ele não escondeu a

sua satisfação:

- Pois claro! Já que ela não quis casar comigo em vida, ao menos pertencem-me agora as suas terras. E vou dar-lhes o nome de que tanto gostava: serão as terras de Arrifana de Sousa, para que perpetuem o nome dela e o meu apelido. As terras de Arrifana de Sousa...

E assim ficaram a chamar-se de facto, pelos tempos adiante, até ao reinado de D. José I, o qual, segundo se diz, conhecedor da lenda tecida em redor da saudade pelo jovem Nuno – lenda a que o povo chamava já da *pena fiel* – quis também associar-se à tradição e passou a denominar oficialmente as terras de Arrifana de Sousa – terras de Penafiel.

NOTAS E COMENTÁRIOS

(1) - PENAFIEL – No distrito do Porto, a cidade de Penafiel é das que possui mais antigos e nobres pergaminhos. Segundo Xavier Fernandes, nos «Topónimos e Gentílicos», o nome de Penafiel deriva da justaposição dos nomes *Pena* e *fiel*, sendo o segundo deles o nome de um castelo que ficava no cimo de um monte. Para outros autores, porém, esse castelo ficava muito longe do local e nunca lhe poderia ter dado o nome. Alguns ainda defendem a ascendência da expressão céltico-latina *Pena fiel*, ou seja, «pedra fiel». E outros, finalmente, justificam a origem na expressão latinizada *Penafidelis*, donde deriva *penafidelense*.

Sobre as origens históricas de Arrifana de Sousa e de Penafiel, consultei, entre outras obras, a «Descrição Histórica e Topográfica da Cidade de Penafiel», de António de Almeida, o «Livro de Recordações e Impressões de Penafiel de Ontem e de Hoje», escrito por Freitas Beça em 1896, e o estudo sobre Penafiel publicado na «Grande Enciclopédia Luso-Brasileira» (volume XX).

Devo acrescentar que, segundo o testemunho de Alberto Pimentel, no Norte de Portugal, especialmente no Minho, se dá o nome de *Pena fiel* a uma dança popular.

(2) - ARRIFANA DE SOUSA – Foi cabeça de concelho com o foral dado por D. Manuel I, no ano de 1518. D. João V, em 1741, elevou Arrifana de Sousa à categoria de vila. Finalmente, como se prova pelo texto que transcrevi, D. José I elevou Arrifana de Sousa a cidade, dando-lhe o nome de Penafiel, a partir de 24 de Março de 1770. Ainda a pedido do mesmo rei, o Papa Clemente XIV criou ali um bispado, do qual D. Frei Inácio de S. Caetano foi primeiro e único bispo.

Há uma velha lenda que indica Arrifana como o lugar onde foi martirizado, no século 111, o piedoso Santo Tirso, lenda que relatarei a seu tempo.

Também a tradição localiza bem perto daí, em Novelas, a famosa *Lenda da Noite dos Cegos*, que teve como protagonista o celebrado Mem Soares.

(3) - MUMADONA DIAS – Foi uma grande dama do século X, à qual alguns historiadores deram o título de condessa. Era tia do rei Ramiro II de Leão, e casou com o conde galego D. Hermenegildo (ou Ermenegildo, como escrevem outros) Gonçalves, que morreu antes de 950, ano em que foi feita a distribuição dos bens deixados, conforme refiro na narração da própria lenda. Mumadona Dias teve seis filhos do conde

Hermenegildo, a saber: Gonçalo, Diogo, Ramiro, Oneca, Nuno e Arriana, incidindo a nossa lenda sobre estes dois últimos, os mais novos de todos e os favoritos de sua mãe. Em 968, Mumadona Dias ainda estava viva. Supõe-se que tenha morrido antes de 999.

(4) - ARRIANA – Arriana, filha mais nova do Conde Hermenegildo Gonçalves e de Mumadona Dias, recebeu de sua mãe, na divisão da herança dos bens deixados por morte do conde, as terras de Novelas, Arouca e Oliveira.

(5) - NUNO – Era o filho mais novo do Conde Hermenegildo Gonçalves e de Mumadona Dias e, segundo se diz, o mais parecido com seu pai, na figura e no temperamento.

(6) - D. MENDO DE SOUSA – Poderoso e importante fidalgo da região, ao qual somente alguns estudiosos se referem, e sempre vagamente, faltando portanto elementos de rigor histórico acerca da sua figura e da sua vida.

(7) - A MORTE DE NUNO – Está absolutamente confirmada, pois sabe-se que morreu antes de 959, duma «febre gravíssima», deixando sua mãe e sua irmã na maior consternação. Por alma de seu filho Nuno, segundo rezam velhos pergaminhos, Mumadona Dias ofereceu toda a sua valiosa livraria (a mais rica do tempo, não só em documentos, mas também em vasos sagrados, alfaias e vestimentas) ao Mosteiro de Guimarães, que ela própria mandara construir anteriormente.

Ao Castelo de Guimarães, berço da nacionalidade, chama-se ainda «da Mumadona», claro indicativo da importância que teve na sua história a viúva do Conde Hermenegildo.

Fonte:

Marques, Gentil (1997). *Lendas de Portugal*. Volume 1 Lisboa Círculo de Leitores